



Os viúvos da inflação

LUIS CARLOS EWALD *

— Ah, que saudades da falecida... Às vezes sinto que ela está ressuscitando, que vai voltar, que terei novamente a alegria diária do *overnight*.

— Eu misturava o dia com a noite, dormia com 100, acordava com 102, passava o dia contente sabendo que era só dormir e acordar com 104 na ciranda que varava todo o mês e consumia o salário da minha empregada, que começava o mês pensando que ia ganhar US\$ 100, na hora só levava US\$ 65 e ficava feliz achando que estava dolarizada, o que naquela época era *status*...

— Mas, agora, ela está por cima, por causa da cesta básica que de fato ela consome, melhor dizendo, come!

— Hoje, para mim, a situação é triste. A tal da cesta básica não sobe mais, o que muito agradava no passado quando me flagrava torcendo com pensamentos inconscientemente egoístas e de autopreservação inflacionária. Embora eu só fizesse uma refeição por dia, principalmente porque quem está por cima da cesta básica faz sempre regime, era uma maravilha sentir o aumento dos produtos alimentícios se alimentando da espiral inflacionária. O item

alimentação dava reflexos brilhantes nos índices e meu capital, poupado pela minha única refeição, era multiplicado exponencialmente pela inflação do pobre, que consumia todo o seu salário comendo (?) sua cesta básica, o que por sua vez causava mais inflação. A culpa era dele, que não tinha nada que comer tanta cesta básica. Aliás, com isso, a gente ficava isento de nossa culpa, fazia de conta que não tinha nada a ver com isso e só ia lá no banco ver como andava nossa poupança remunerada regida pela inflação dos outros...

— Fiquei particularmente emocionado e agradecido numa época, num mês do saudoso e falecido governo Sarney, quando a taxa de inflação disparou de 17% para 25% (não posso garantir esses percentuais porque um bloqueio psicológico me impede de reviver os bons tempos que teimam em não mais voltar). Aquela enorme variação deveu-se aos vilões, que para mim eram os *mocinhos*, chamados mensalidades de clubes de subúrbio, carro usado, aluguel residencial e banha de porco. Ora, para mim tudo era a favor: não comia banha de porco por causa do colesterol, morava na praia da Zona Sul em apartamento próprio adquirido às custas do rombo do saudoso BNH, donde não pagava aluguel nem frequentava clube de subúrbio; e carro usado nem pensar, era *leasing* de dois em dois anos... Ao mesmo tempo, com essa parafernália de reflexos nos índices, meu rico capital foi indexado pela inflação daqueles *perdidos* exorbitantes...

— Também viúvo, e triste, está um amigo meu *estressantemente* organizado que descobriu, na época, que seu salário de março de 90 tinha sido igual a todo o ganho nominal do ano de 89, mas que, em compensação, aquela bela inflação tinha-lhe rendido por conta do *float* mensal (prazo entre a data do recebimento do salário versus as datas de despesas do mês) exatamente mais 75% reais de tudo que ele ganhara de salário no ano de 89. Daí, ele só pode estar agora chorando de saudades...

E agora, precisamente agora, eu e vários amigos estamos saindo de ingrata quarentena: num esforço para a salvação e recuperação dos índices de inflação que lutam pela sobrevivência em patamares dignos da tradicional remuneração do capital, comemos desesperadamente mamão durante todo o mês passado, fato que provocou um aumento suficiente para gerar estupendo reflexo no índice de inflação. Infelizmente, não conseguimos manter o ritmo adequado de consumo (por conta de efeitos colaterais), o mamão caiu de preço vertiginosamente e nós todos ficamos desidratados com a dor de barriga deflacionária...

Obs: Desta vez, a ficção sou eu: o salário do professor não dava para participar daquela festa inflacionária, pois, além de ser pouco, só entrava no quinto dia útil do mês seguinte e o *overnight* era contra mim...